

O DESPORTO ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DE TREINOS E DE JOGOS DE FUTSAL¹

SPORT IN THE FUNDAMENTAL SCHOOL: A PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC APPROACH OF FUTSAL TRAINING AND MATCHES

Dourivaldo Teixeira*

RESUMO

Neste estudo reconheço a valorização do desporto na vida social contemporânea. Busco compreender o mundo do futsal na escola por meio da abordagem fenomenológico-hermenêutica, aceitando o desafio de interagir no mundo-vida dos sujeitos participantes e instaurando um *contínuum* descrição/interpretação de treinos e jogos. Nos treinamentos convivem, quase exclusivamente, professor-técnico/alunos-atletas. A metodologia centraliza decisões no professor-técnico que fragmenta o jogo num “ambiente controlado”. Nos jogos, a intensidade depende dos pais. O professor-técnico, grande responsável pela participação no desporto de rendimento, é o “fiel da balança” na pressão competitiva. Estas características aparecem, especialmente nas categorias pré-mirim, mirim e infantil.

Palavras-chave: escola. Desporto. Futsal. Treinos. Jogos.

O DESPORTO COMO FENÔMENO SOCIOCULTURAL DIGNO DE REFLEXÕES PEDAGÓGICAS

O desporto é um fenômeno sociocultural digno de reflexões pedagógicas e práticas educacionais. Para Santin (2002, p. 237), o desporto se converteu, em todo o mundo, num

[...] setor dominante da vida social.
[...] delimitar o seu campo de abrangência ou estabelecer seu significado parece ter-se tornado tarefa, senão impossível, no mínimo muito complexa.

Ações e reflexões pedagógicas sobre este fenômeno são possíveis e necessárias, se considerada sua condição de conteúdo das aulas de Educação Física, mas, principalmente por se tratar de experiências extracurriculares amplamente divulgadas em escolas públicas e privadas.

A legitimidade da ação pedagógica no desporto passa a exigir uma atitude reflexiva, no momento em que entendemos que, ao vivermos

[...] a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade (FREIRE, 1996, p. 26);

[...] Ou seja, no momento em que percebemos que temos uma presença transformante e que podemos contribuir com as mudanças em nosso entorno.

Por ser uma construção do homem, o desporto tornou-se uma complexidade, resultado da “mundanidade” e existência características do próprio homem. Neste sentido, cabe pontuar que esta reflexão pedagógica deverá ser embasada em uma visão de homem, de sociedade e de

¹ Este trabalho é parte da tese intitulada: “O desporto escolar na história de vida do sujeito-pesquisador e no mundo-vida de sujeitos participantes: uma abordagem qualitativa não convencional do fenômeno”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Cock Fontanella (UNIMEP) e co-orientação da Prof^ª. Dr^ª. Lizete Shizue Bomura Maciel (UEM).

* Doutor em Educação, Universidade Estadual de Maringá – Paraná – Brasil.

mundo (MORAIS, 2002, p. 244), levando-se em consideração que “o ser humano é um ser-no-mundo”, definindo, também, sua situacionalidade e complexidade; “o ser humano é um ser-com-o-mundo”, ponto da comunhão do homem com o mundo, onde se dá a formação de sua personalidade; e “o ser humano é um ser-pelo-outro”, destacando-se a necessidade do homem de conviver com outros de sua espécie.

Assim colocada, entendo que a prática do desporto concebida como fenômeno social, com características educativas - portanto sujeita a reflexões pedagógicas - pode contribuir com a interação homem/mundo/outro, que potencializaria uma visão de homem como um ser significativo que atribui significados, constrói história e tem uma existência dialética com o mundo (ESPÓSITO, 1993, p. 40). Nesta visão de homem significativo, situado em relação dialética com o mundo, nada está pronto, nada está dado antecipada ou definitivamente, ou seja, homem, sociedade e mundo estão simultaneamente fazendo-se e fazendo um no outro.

Por um lado, podemos considerar que as experiências e vivências no desporto vêm sempre mais embebidas, de forma hegemônica, de um discurso prático-reprodutivista, de doutrinação acrítico e de passividade, norteando-se por um modelo de adestramento-treinamento, independentemente da idade do praticante, visando à alta *performance* e ao rendimento máximo. Por outro, podemos compreender que, se bem planejado, bem direcionado e, principalmente, se levar em consideração que o centro do processo é o sujeito que o pratica, em um contexto sociocultural determinado no tempo e no espaço, o desporto poderá ser importante para a auto-superação e a superação das dificuldades na vida do próprio sujeito.

Diante deste quadro me sinto inquieto em relação às vivências que envolvem os sujeitos com a prática do desporto dentro da escola, mas fora da aula de Educação Física, ou seja, o desporto que envolve, em treinos especializados e em jogos oficiais, alunos-atletas, professores-técnicos, pais de alunos-atletas e diretores de escola. Tal inquietação me motiva no sentido de analisar e refletir sobre a região de inquérito: sujeito-desporto-escola.

Neste sentido, quero colocar a questão do desporto, do sujeito participante e da escola de maneira original, entendendo, a partir de Husserl, tão bem analisado e discutido por Merleau-Ponty (1994) e Ricoeur (1978), entre outros, que isto é possível por meio do movimento de retorno “às coisas mesmas” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 3), deixando-me “conduzir” (GADOTTI, 1984, p. 34) por elas, que é a característica principal da atitude fenomenológica. Assumo a atitude fenomenológica, essencial neste caso, consciente de que a trajetória de pesquisa, o caminho para a abordagem do fenômeno, depende do campo de estudo e do próprio fenômeno, mas, preponderantemente, da maneira como o fenômeno é interrogado. Com tal entendimento se manifesta para mim a interrogação da realidade vivida no mundo do desporto, que deve ser construída como a interrogação de pesquisador que opera na região de inquérito do desporto escolar: o que é isto, o desporto escolar?²

Para responder a esta interrogação, torna-se fundamental o “ir-à-coisa-mesma”³ e interrogar o próprio fenômeno; e como o fenômeno só se mostra para um sujeito intencional, pois só há um fenômeno se houver um sujeito, dirigir-me-ei até o mundo-vivido dos sujeitos no contexto desportivo escolar. Assim, apresento a trajetória construída no sentido de uma pesquisa qualitativa calcada em uma abordagem fenomenológico-hermenêutica⁴. Faço tal opção

² Esta forma de interrogar atende ao critério de “amplitude necessária capaz de orientar, sem restringir o tema a ser evidenciado nesta pesquisa” (ESPÓSITO, 1993, p. 43).

³ É, para Merleau-Ponty (1994, p. 4), “[...] retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre *fala*, e em relação ao qual toda a determinação científica é abstrata, significativa e dependente [...]”.

⁴ Como pesquisador, o rigor se impõe a mim a cada momento em que interrogo o fenômeno e em meu próprio pensar esclarecedor dentro da trajetória fenomenológica que é compreendida em três momentos não seqüenciais: a suspensão do fenômeno (*epoché*); a redução, seleção das partes essenciais; e, a compreensão ou interpretação fenomenológica (BICUDO, 1997). Considerando, conforme Martins; Bicudo (1989, p. 81), que o “mundo está aí ao redor daquele que o experiencia, experienciando a certeza de estar chegando a alguma coisa, ou de ser capaz de chegar a ela de forma pura tal como ela se dá na percepção.”.

por aceitar o desafio de interagir no mundo-vida dos sujeitos participantes do desporto escolar, compreendendo que vivemos a tensão e os conflitos característicos das vivências neste contexto porque nele existimos intersubjetivamente.

Com a fenomenologia direciono minha consciência sobre o mundo-vivido dos sujeitos participantes do desporto escolar, descrevendo-o por meio de observações. Estas observações são transformadas pela linguagem escrita em um discurso descritivo⁵. Com a hermenêutica busco o significado que o discurso expressa, a partir de seu contexto, enquanto produção humana. Basicamente, no processo hermenêutico, trata-se - mais do que ler as descrições das experiências vividas e interpretá-las a partir de minha própria experiência enquanto sujeito que interroga - de ir

[...] ao encontro histórico dessa vivência com a tradição que se objetiva na cultura gerando tensões. É a tensão produzida 'ao ver-se' o passado na perspectiva do presente que induz o movimento dialético intrínseco à hermenêutica [...] (ESPÓSITO, 1997, p. 83-84).

O objetivo geral deste estudo é compreender o mundo-vida de sujeitos participantes da prática da modalidade futsal na escola. Os objetivos específicos são: a)- descrever as vivências no mundo-vida de sujeitos participantes da prática do futsal na escola, por meio da observação de treinos especializados e de jogos oficiais; b)- interpretar estas descrições, buscando identificar características do mundo do futsal na escola.

O universo da pesquisa se restringiu ao ensino fundamental (1^a a 8^a séries) das 41 escolas públicas e 15 escolas privadas do município de Maringá, e o fato de a modalidade de "futsal" ser amplamente praticada nestas escolas orientou a opção para o desenvolvimento da investigação em 8 escolas que possuíam a prática desta modalidade em treinamentos

regulares e/ou em competições oficiais promovidas pelas instituições desportivas.

Tal orientação levou a uma reestruturação da questão norteadora, que passou a ser: o que é isto, o desporto futsal na escola? Os sujeitos participantes a que venho me referindo são aqueles que potencialmente estão implicados de forma mais direta na prática do desporto futsal na escola: alunos-atletas, professores-técnicos, pais dos alunos-atletas e diretores de escola.

Do total coletado (6 treinos e 19 jogos) são utilizadas 6 descrições de treinos e 6 descrições de jogos nos processos de descrição e compreensão (interpretação). A partir das observações⁶ de cada treino e de cada jogo, eram realizadas as descrições, procurando captar uma imagem por palavras do local, das pessoas, das ações e conversas. Nos movimentos realizados no campo de pesquisa a questão norteadora do estudo sempre esteve presente.

O processo interpretativo⁷ - análise ideográfica - foi desenvolvido a partir de leituras da descrição, com os seguintes momentos: levantamento das unidades de significado; explicitação do texto descrito; análise ideográfica específica; e análise ideográfica geral. As análises ideográficas gerais expressam os pensamentos sintéticos sobre o desporto futsal na escola.

A intenção é instaurar um processo contínuo de descrição, compreensão e interpretação dos aspectos que foram percebidos e extraídos por intermédio da livre observação dos treinos e dos jogos, concebendo, como Ricoeur (1978, p. 15), que a interpretação

[...] é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal (grifo do autor).

A interpretação depende da multiplicidade de sentidos e a multiplicidade de sentidos depende da interpretação.

⁵ Sobre as características do discurso descritivo, ver Rezende (1990, p. 18-26). Sobre a adaptação deste discurso ao desporto escolar, ver Teixeira (2003, p. 110).

⁶ Detalhes sobre as observações ver Teixeira (2003, p. 112-115).

⁷ Detalhes sobre o processo interpretativo ver Teixeira (2003, p. 110).

O FENÔMENO DESPORTIVO ESCOLAR NO OLHAR *PERSPECTIVAL* DO SUJEITO-PESQUISADOR: O FUTSAL NA ESCOLA

O olhar do pesquisador sobre o mundo-vivido dos sujeitos nos treinos

Tendo por base as observações de treinos, pude perceber que a estrutura e a organização do futsal na escola são uma cópia do modelo do desporto de alto rendimento, que utiliza as fases do desenvolvimento infantil sob o foco exclusivamente cronológico, na definição e preparação de equipes competitivas de alunos do ensino fundamental.

Com este propósito, escolas particulares oferecem “escolinhas” para a estimulação e aprendizagem precoce do futsal aos alunos da educação infantil e do 1º e 2º anos do ensino fundamental, cobrando mensalidades específicas. Os alunos que passam para o treinamento em equipes representativas da escola em competições oficiais deixam de pagar a mensalidade, podendo, ainda, receber descontos nas mensalidades escolares ou bolsas de estudo integrais.

O mundo-vida dos sujeitos envolvidos nos treinos de futsal compreende uma complexidade de relacionamentos interpessoais de amizade, disciplina, desafio, respeito, conflito, competitividade, vitória, derrota, embate corporal, combate corpo-a-corpo, prazer, frustração, jogo de intenções, estratégias de práticas de técnicas especializadas do futsal, com e sem bola, em que o elemento lúdico, o jogo, é utilizado como meio para atingir um fim maior: a preparação individual e coletiva para a competição oficial.

A metodologia centraliza as decisões na pessoa do professor-técnico, que se baseia na utilização da competição e da fragmentação do jogo para proporcionar aos alunos-atletas um “ambiente controlado” de prática, no qual as atividades seguem de forma linear do mais simples para o mais complexo, da menor para a maior intensidade, da atividade individual para a coletiva, do pequeno para o grande espaço, enfim, da parte para o todo.

O conteúdo se restringe aos elementos técnicos e táticos do futsal focados em atividades extraídas da realidade do jogo oficial que levam ao aperfeiçoamento e à especialização. Não obstante, em alguns poucos

momentos o próprio jogo, global, espontâneo e livre, aparece vigorando temporariamente a vivência lúdica sem a necessidade da “produção de resultados”.

O relacionamento entre o professor-técnico e os alunos-atletas no treino é cordial e alegre, embora eivado de exigências de rendimento e produtividade, provocadas pelo acompanhamento próximo, minucioso e até mesmo austero do professor-técnico em todas as atividades individuais e/ou coletivas. A participação dos alunos-atletas nos treinos é compenetrada, disciplinada, alegre e até mesmo eufórica em determinados momentos.

Essencialmente, com os treinos, se visa ao aperfeiçoamento e à especialização técnico-tática, que, por sua vez, são direcionados de forma direta às competições oficiais, meta que leva a um processo de racionalização e especialização precoce, o qual transforma o treino em um instrumento de seleção e discriminação.

No mundo da prática do futsal em treinamentos na escola há a convivência quase exclusiva entre o professor-técnico e os alunos-atletas. A presença dos pais nos treinos é inexistente nas escolas públicas, que desenvolvem o treinamento regular, e nas escolas particulares, onde, apesar de a maioria dos pais buscar seus filhos após o encerramento, somente alguns acompanham as sessões de treino, em parte ou integralmente. Os pais que acompanham o treino fazem-no cobrando qualidade na participação de seus filhos por meio de gestos, ou mesmo verbalmente, reprovando ou aprovando determinadas atuações, o que acaba tirando a espontaneidade e a liberdade dos alunos-atletas.

Outro personagem importante no mundo do desporto na escola é o diretor da escola. Pode-se dizer que, no contexto do treino de futsal das escolas públicas, esta figura é totalmente ausente; e que, nas escolas particulares, podemos vê-la, esporadicamente, circulando pelas quadras desportivas, fazendo um reconhecimento, relacionando-se com os alunos e até mesmo fiscalizando as atividades em geral.

O olhar do pesquisador sobre o mundo-vivido dos sujeitos nos jogos

Por meio da observação de jogos de futsal, percebo que tanto as escolas públicas quanto as

particulares se encontram definitivamente inseridas na estrutura desportiva institucionalizada na modalidade de futsal e participam ativamente das competições oficiais, com equipes representativas nas categorias fraldinha, pré-mirim, mirim e infantil. Estas categorias são definidas pela instituição desportiva com base na idade cronológica dos praticantes, ou seja, alunos-atletas de 7 a 14 anos, que, normalmente, estão distribuídos entre a 1ª e 8ª séries do ensino fundamental. Formam equipes em categorias denominadas de: fraldinha (7 e 8 anos), alunos da 1ª e 2ª séries; pré-mirim (9 e 10 anos), alunos da 3ª e 4ª séries; mirim (11 e 12 anos), alunos da 5ª e 6ª séries; e infantil (13 e 14 anos), alunos da 7ª e 8ª séries. Algumas escolas, principalmente da rede particular, participam de competições nas categorias mamadeira e infanto-juvenil, respectivamente, com alunos de 5 e 6 anos, pertencentes à educação infantil, e de 15 e 16 anos, pertencentes ao ensino médio.

Nestas competições oficiais a escola se subordina ao modelo do desporto de alto rendimento, participando de jogos regidos pelas regras internacionais de futsal, criadas e aperfeiçoadas a partir e para o jogo de atletas adultos. As regras são aplicadas de forma rigorosa por uma equipe de arbitragem especializada, que representa a instituição oficial e é constituída de um delegado, dois árbitros, um cronometrista e um secretário. A instituição desportiva oficial se constitui a partir da Liga de Futebol de Salão de Maringá (LFSM), que é filiada à Federação Paranaense de Futebol de Salão (FPFS); esta é filiada à Confederação Brasileira de Futebol de Salão (CBFS), por sua vez, filiada à Federação Internacional de Futebol (FIFA) e ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), um dos componentes do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Tal submissão estabelece objetivamente as funções dos sujeitos - alunos-atletas, professores-técnicos, pais de alunos-atletas e diretores de escolas - envolvidos no mundo da prática do futsal escolar, respectivamente, como: atletas de rendimento precoce, que devem executar ações, movimentos e comportamentos individuais e coletivos sempre mais aperfeiçoados; técnicos especialistas, que têm os elementos técnicos e táticos do futsal como

conteúdos prioritários a serem dominados e tratados no jogo; torcedores ardorosos, que visam, acima de tudo, estimular e cobrar o rendimento máximo de seus jogadores e de sua equipe na busca da vitória a qualquer custo; e dirigentes, que, mesmo não oferecendo as condições ideais para a preparação da equipe, utilizam os resultados positivos e os títulos conquistados como *marketing* da escola e de reconhecimento pessoal dentro e fora da comunidade escolar. Os diretores de escola, invariavelmente, não comparecem aos locais de jogos para acompanhar os alunos nas competições.

Envolvidos no mundo do futsal competitivo, os alunos-atletas tornam-se estereótipos de jogadores profissionais, porque, além dos treinamentos regulares, racionalizados e sistematizados, que delimitam, homogeneizam e especializam suas funções dentro do jogo, ainda tentam reproduzir minuciosamente os gestos, comportamentos e atitudes de seus ídolos, que são exacerbadamente veiculados pela mídia.

Os alunos-atletas sentem a pressão da simples presença de seus pais no mundo do jogo oficial e passam a buscar a todo o custo corresponder às expectativas que, inevitavelmente, lhes são depositadas. O nível de intensidade da pressão depende, sobremaneira, da postura dos pais. Estes, normalmente, se deixam envolver pela competição e passam a pressionar a arbitragem com críticas, ofensas e até mesmo tentativas de agressão; e por vezes também, o professor-técnico, discordando das orientações que determinam os posicionamentos na quadra e da escalação ou não de determinado aluno-atleta, quando não do próprio filho. Sob este tipo de pressão os alunos-atletas, ao se sentirem os pivôs da situação, podem apresentar atitudes descontroladas e agressivas no relacionamento com os companheiros, adversários, árbitros e torcedores.

Se no jogo oficial de futsal, a busca pela vitória a qualquer preço prevalecer sobre os significados educativos, com suas características lúdicas, sociais, culturais e de atividade voltada para a saúde, que podem ser potencializadas na prática do jogo de futsal, os alunos-atletas sofrem diversos tipos de pressão, que advêm de várias procedências: dos pais-torcedores, os

quais, envolvidos pela competição, tendem a se transformar em “empresários” que vislumbram para seus filhos-atletas um futuro promissor como craques; do tempo de jogo, que, sendo exíguo, muitas vezes não permite sequer a participação no jogo; do desequilíbrio emocional generalizado, que pode impedi-lo de apresentar uma boa *performance*, trazendo-lhe frustrações.

O professor-técnico, que é um profissional qualificado na área de Educação Física, detém o controle total sobre os alunos-atletas e direciona as ações, os comportamentos e as atitudes destes dentro do jogo. Independentemente de a equipe realizar ou não treinamentos regulares, sua função é determinar um jogo mais coletivo e sistematizado, em detrimento da individualidade e espontaneidade características das fases de vida dos alunos-atletas envolvidos. O professor-técnico é o grande responsável pelo projeto de participação da escola no desporto de rendimento e o “fiel da balança” no que se refere aos exageros do competitivismo, que, no contexto da disputa, provocam nos participantes exigências físicas, psíquicas, afetivas e emocionais extremadas. Ele pode levar os alunos-atletas sob sua orientação a níveis exagerados de estimulação e exigências, na busca da vitória, ao submeter a equipe da escola à lógica do desporto de rendimento e abandonar o enfoque pedagógico, que deve ter como centro de todas as atenções, procedimentos e entendimentos o mundo-vida do sujeito praticante. A participação do professor-técnico, durante o jogo, é dinâmica e, no final, ele procura manter-se “frio” tanto na vitória quanto na derrota; mas, ao vencer, manifesta, mesmo que de forma contida, sua alegria, e ao perder, procura com sua liderança minimizar as conseqüências da derrota para seus alunos-atletas. Com raras exceções, os professores-técnicos apresentam bom relacionamento, tratando de forma educada e respeitadora os componentes do contexto do jogo de futsal, desde os familiares até os árbitros e, principalmente, os alunos-atletas.

Os pais representam a garantia de presença dos alunos-atletas no local de jogo, principalmente nas categorias fraldinha, pré-mirim e mirim, pois, além de permitirem a participação, responsabilizando-se por possíveis acidentes, cumprem a tarefa de levá-los e trazê-

los dos jogos, quando não assessoram o professor-técnico na organização e infraestrutura da equipe. Isso ocorre mais acentuadamente nas escolas particulares, enquanto nas escolas públicas a presença dos pais é menos freqüente e o professor-técnico assume maiores responsabilidades e tem muitos problemas, principalmente com o transporte dos alunos-atletas para os jogos. Na categoria infantil, a presença dos pais na escola particular diminui e, na escola pública, praticamente não existe, a não ser em ocasiões especiais, quando há uma mobilização da comunidade escolar pelo professor-técnico junto à administração da escola, o que somente ocorre quando a equipe consegue chegar a uma disputa de semifinal ou final. Esse afastamento dos pais dos locais de jogos faz com que a pressão sobre os alunos-atletas diminua nas categorias maiores, como infanto-juvenil e juvenil, fases em que os praticantes estão mais bem-treinados, possuem maior experiência e amadurecimento, portanto podem suportar mais altos níveis de pressão e de carga físico-psíquico-emocional.

Nem sempre a submissão ao rigor das regras oficiais tira a liberdade, a espontaneidade e o prazer de jogar, mas a exacerbação da competição, que é centrada no vencer a todo custo, na racionalização e na sistematização do jogo e na especialização técnica do aluno-atleta, sim. A busca de títulos na competição exige uma *performance* sempre mais aprimorada, e a forma racionalizada, sistematizada e treinada de jogar acaba prevalecendo sobre o jogo espontâneo e livre. Com isso, a estratégia do jogo, que é extremamente rica, torna-se pouco espontânea e criativa, devido ao fato de o treinamento predeterminar todas as ações, movimentos e deslocamentos realizados durante o jogo, priorizando a tática coletiva em detrimento da individual.

Os jogos oficiais, intensos e exigentes, são disputados regularmente, visando à conquista de títulos e de troféus, que trarão o destaque e a notoriedade à escola. A imprevisibilidade do resultado e o constante desafio, inerentes ao jogo, mantêm a excitação e a estimulação dos participantes no contexto do futsal escolar e tendem a levar os envolvidos à auto-superação, favorecendo a ultrapassagem dos obstáculos, caso alcancem níveis adequados; ou levá-los às

frustrações, aos conflitos socioafetivos e à violência moral e física, se atingirem níveis exagerados. Nestes termos a derrota ou a vitória em um jogo de futsal, representando a equipe da escola, podem proporcionar ou não elementos importantes para a educação e a formação dos alunos-atletas envolvidos. Dentro da lógica competitivista, no jogo de futsal escolar há discriminação de titulares e reservas, de talentos e não-talentos, de melhores e piores, de vencedores e perdedores, etc.

A competição é rigorosa e exige que a equipe tenha um plantel de praticantes que possibilite o revezamento durante o jogo, para evitar sobrecarga sobre determinados alunos-atletas. A sobrecarga sobre alguns praticantes é comum, pois em todos os grupos há aqueles considerados melhores, que, ora mais ora menos, serão mais exigidos do que outros, em função da necessidade de se conquistar um resultado positivo no jogo.

A torcida, composta por familiares, principalmente pelos pais, exerce extrema influência sobre o desenvolvimento do jogo, afetando o desempenho dos alunos-atletas, interferindo nas orientações do professor-técnico e tentando fazer com que as decisões da arbitragem favoreçam sua equipe. Durante o jogo, a euforia se transforma em exigência e esta pode se transformar em ofensas - invariavelmente destinadas à arbitragem - e até mesmo em violência.

O equilíbrio de forças entre os oponentes gera um placar menos dilatado, mais justo e não humilhante, o que deixa um clima de maior satisfação tanto para os vencedores como para os vencidos. Independentemente do que tenha se passado no decorrer do jogo, em seu final o protocolo oficial, controlado pelos árbitros, exige uma postura de aceitação do resultado e de saudação mútua entre os oponentes, a qual nem sempre é espontânea.

Apesar de conviverem no mesmo contexto desportivo, as escolas públicas e as particulares treinam e participam de competições dentro de condições materiais bastante distintas. Enquanto a escola particular investe na aquisição de equipamentos, na melhoria das estruturas físicas e materiais, na oferta de bolsas de estudo para alunos-atletas talentosos e na contratação de profissionais especialistas para orientar a prática

desportiva do futsal, a escola pública depende da iniciativa do professor de Educação Física, que, mesmo não sendo remunerado para tal tarefa, procura desenvolver treinamentos regulares ou somente reúne os alunos interessados, formando as equipes para representar a escola nas competições.

O Estado pouco ou nada investe no desporto escolar, e a direção da escola pública, pouco podendo fazer, depende da iniciativa da comunidade escolar e de professores voluntários para ofertar a prática especializada do futsal aos seus alunos. O professor-técnico é o grande responsável pela participação da escola pública nas competições oficiais, pois, mesmo sem apoio e, muitas vezes, sem a possibilidade de realizar os treinamentos necessários, toma a iniciativa no sentido de inscrever, acompanhar e orientar a equipe da escola nestas competições.

UMA REFLEXÃO POSSÍVEL SOBRE A PRÁTICA DO DESPORTO ESCOLAR: O FUTSAL NA ESCOLA

O macrossistema desportivo, mundialmente institucionalizado, integra em sua estrutura a pluralidade de dimensões do desporto, entre elas a dimensão do desporto escolar e, por decorrência, o futsal e outras modalidades esportivas praticadas na escola, como elementos que se relacionam e, ao mesmo tempo, se constituem em subsistemas susceptíveis, dentro de certos limites, de variações mais ou menos autônomas. Neste sentido, o fenômeno futsal escolar é uma estrutura constituída de elementos que se relacionam em uma ordem hierárquica com o objetivo de garantir o êxito de sua função e sua própria conservação.

O sistema desportivo institucionalizado internacional é adaptativo, funcional e hierárquico. No Brasil, o Sistema Nacional do Desporto tem como meta a promoção e o aprimoramento do desporto de rendimento e pode congrega

persoas físicas e jurídicas de direito privado com ou sem fins lucrativos, encarregadas da coordenação, administração, normalização, apoio e prática do desporto, bem como as incumbidas da Justiça Desportiva (KRIEGER, 1999, p. 45).

Destarte, a escola que participa do esporte oficial e institucionalizado se insere neste sistema como uma “entidade de prática” desportiva filiada; e o sujeito participante, mais especialmente o aluno-atleta, pode ser caracterizado como uma unidade bipolar, ora ocupando a primeira, ora a “última” posição no sistema. Quando focalizado sob uma perspectiva pedagógica, o aluno-atleta é fator primordial, e para ele tudo deve ser direcionado no sentido de favorecer seu desenvolvimento integral. Quando focalizado pela perspectiva da instituição desportiva especializada, este se torna um mero receptáculo e um reproduzidor das regras e normas criadas para as competições profissionais e de alto rendimento, que estão, sempre mais, sendo direcionadas como espetáculo de massa.

A estrutura que envolve o futsal na escola manifesta uma ordem hierárquica, com as seguintes características:

- relação hierárquica institucional: a instituição escolar está submetida à instituição desportiva, podendo ter apoio por meio de parcerias e/ou patrocínios de instituições públicas e empresas privadas;
- relação hierárquica de sujeitos: nos treinos, o aluno-atleta se submete à autoridade do professor-técnico, que se submete à direção da escola e aos pais; nos jogos, o aluno-atleta se submete diretamente à autoridade dos árbitros oficiais, sob a orientação e cobrança do professor-técnico e da torcida dos pais, que estimulam e exigem *performance* na disputa com o adversário.

No que se refere a olhar o fenômeno desportivo como um sistema desportivo institucionalizado, é importante e ilustrativo apresentar a posição de Sttiger (2002), que define, considerando as obras de vários estudiosos⁸, três perspectivas de abordagens do fenômeno desportivo. A primeira perspectiva é identificada como “uma visão institucional e homogênea do fenômeno desportivo”; a segunda é denominada de “esporte num processo

histórico de longa duração”; e, a terceira é identificada como “em busca da heterogeneidade do esporte”.

Sttiger sintetiza estas três abordagens em duas perspectivas diferenciadas de compreensão do fenômeno desportivo.

Na primeira perspectiva identifica a visão institucional homogeneizada, o fenômeno desportivo, com as obras de Bouet; Brohm; Guttmann; Mandell; Guay, dizendo que esta perspectiva⁹ se identifica

[...] como uma forma monolítica que dá prioridade às regularidades e continuidades, sem levar em conta as possíveis descontinuidades na realidade das suas práticas concretas (p.26).

A conseqüência desta visão pode estar na possibilidade de que sua transposição direta acabe se configurando em um determinante para impedir outras manifestações do fenômeno desportivo, desconsiderando a heterogeneidade e diversidade que pode marcar as vivências cotidianas dos praticantes concretos.

Na segunda perspectiva¹⁰, Sttiger enquadra as obras de Elias & Dunning; Bourdieu; Bento; Padiglione, afirmando que o olhar incide diretamente na heterogeneidade dos sentidos atribuídos ao fenômeno desportivo, demonstrando suas diversidades, nas quais convivem diferentes significações sociais. O ponto importante desta perspectiva é o fato de ela estar voltada para a compreensão, e não para a simples explicação do fenômeno desportivo.

A discussão de Sttiger (2002) corrobora este estudo e este referencial teórico-crítico deve direcionar o olhar, desde à observação no mundo-vida dos sujeitos participantes do contexto do futsal na escola até ao processo interpretativo das descrições dos treinos e dos

⁸ A primeira com base nos estudos de Bouet (1968); Brohm (1976, 1978); Guttmann (1978); Mandell (1986) e Guay (1993). A segunda, a partir de Elias e Dunning (1992). A terceira, a partir de estudos de Pociello (1981); Bourdieu (1990); Bento (s.d.); e Padiglione (1995), citados em Sttiger (2002).

⁹ Segundo este ponto de vista, o esporte já estaria até certo ponto suficientemente explicado, na medida em que tanto as suas características (reproduções objetivas da sociedade mais ampla) como as críticas que delas decorrem se repetem, de certa forma, nas interpretações que fazem os autores. (p. 36-37)

¹⁰ [...] volta-se para aspectos individuais e subjetivos dos atores sociais e encaminha a reflexão para a heterogeneidade das manifestações esportivas, além de demonstrar a sua insatisfação em relação à pretendida posição passiva dos protagonistas do esporte.

jogos. Refletindo, a partir destes indicativos e sobre a realidade do futsal nas escolas, percebo que os “jogos” apresentam mais aspectos negativos do que aqueles apontados sobre os “treinos”.

Olhar o fenômeno desportivo como um sistema institucionalizado, homogeneizado e hierarquizado permite certa autonomia em cada um de seus níveis. Essa autonomia poderia ser exercida pelo professor-técnico, na escola pública, e pelo diretor ou coordenador de Educação Física e Desporto, nas escolas particulares, de uma forma que respeitasse a realidade específica daquele contexto, por exemplo: as peculiaridades de cada escola e, principalmente, do aluno-atleta, que é o principal sujeito dentro do processo de vivência do desporto escolar.

Penso que, se o olhar daqueles que propõem e vivenciam o desporto futsal na escola incidisse sobre a heterogeneidade dos sentidos atribuídos ao fenômeno desportivo, focando e demonstrando suas diversidades e as diferentes significações sociais que nele convivem, o desporto seria utilizado de uma forma mais adequada aos alunos-atletas nas diferentes faixas etárias que definem as categorias envolvidas nesta prática no ensino fundamental. Penso, também que, com tal perspectiva, não seria difícil fazer a proposição do desporto “da” escola, ao invés do desporto “na” escola, como propõem o Coletivo de Autores (1992)¹¹ e Castellani Filho (1998), em uma proposta considerada um sacrilégio desmistificador, ou melhor, quase um movimento revolucionário ao poderio do sistema desportivo mundialmente institucionalizado.

No desporto “na” escola, são considerados os objetivos da instituição desportiva, que podem ser resumidos no desenvolvimento da modalidade desportiva específica e na promoção do desporto de rendimento como espetáculo de massa, sendo o aluno-atleta considerado como um mero praticante reprodutor e consumidor do desporto modelado no alto rendimento. Neste caso o desporto se constitui em um fim em si mesmo, e o aluno-atleta em um meio, um objeto,

ou ainda, um instrumento para a promoção do professor-técnico, do diretor e da escola.

Na prática do futsal observada nos treinos e nos jogos pesquisados no ensino fundamental de escolas públicas e particulares do município de Maringá, ficou identificado que tudo isso ocorre sob o acompanhamento e aprovação dos pais (do pai) dos alunos-atletas, que, ilusoriamente, vêem seus filhos como prestigiados e milionários craques do futuro. Sob este modelo de prática do desporto, apoiado na mídia, que promove a “estereotipização” dos alunos-atletas desde as primeiras séries do ensino fundamental, a escola envolve alunos com idade entre 7 e 14 anos, que corresponde às categorias fraldinha, pré-mirim, mirim e infantil, fortalecendo esta ilusão e auxiliando na idealização prematura de um “craque em potencial”, estimulando os pais a exigirem além das capacidades momentâneas dos seus filhos.

Independentemente da perspectiva sob a qual se olhe o desporto futsal, se “na” ou “da” escola, é um absurdo ver nas quadras desportivas de clubes, associações ou empresas, mas principalmente nas escolas, a exposição de crianças, das categorias fraldinha (7-8 anos), pré-mirim (9-10 anos) e mirim (11-12 anos), às mais ferrenhas competições. Tais “crianças” saem de casa para “jogar” futsal e ficam sentadas no banco de reservas, sem entrar no jogo, pois a equipe é composta por 12 ou mais alunos-atletas, e as regras oficiais definem que somente cinco “jogadores” poderão atuar ao mesmo tempo, o que coloca a maioria na espera enquanto a minoria joga. Outras ainda, por serem mais habilidosas, são exigidas física e emocionalmente ao extremo na busca da vitória no jogo; e muitas outras, devido à tensão provocada pelos árbitros, pela rigorosidade das regras, pelas orientações do professor-técnico cobrando *performance* e pelas exigências dos pais como torcedores, vêem frustradas suas iniciativas no jogo.

Além disso, o que não dizer das propostas de competições oficiais envolvendo equipes nas categorias “chupetinha” (3-4 anos) e “mamadeira” (5-6 anos)?!. Eu diria, como Freire (1989, p. 150), que “a competição, como atividade de jogo, sempre existiu. Isto, contudo, não justificaria por si só sua manutenção. Uma doença qualquer que nos acompanhe há séculos,

¹¹ SOARES, C.; TAFFAREL, C.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO; et al. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

nem por isso adquire o direito de não ser combatida”. Ou melhor, eu digo: as competições oficiais, propostas e organizadas pela instituição desportiva para crianças menores de 12 anos, com árbitros oficiais, sob as regras oficiais, caracterizando os alunos-atletas como vencedores ou vencidos, como titulares e reservas, craque e perna-de-pau, etc., deveriam ser combatidas dentro e fora da escola.

Por outro lado, no desporto “da” escola devem ser considerados os fundamentos e os objetivos norteados por uma perspectiva pedagógica, e, neste sentido, a prática de qualquer modalidade desportiva deverá ter como primado o sujeito participante, mais especificamente o aluno-atleta. Nesta caracterização o desporto escolar passa da condição de fim para a condição de meio e o aluno-atleta sai da condição de instrumento e objeto para a condição de início, meio e fim, ou seja, é considerado em sua subjetividade, dentro do processo de ensino-aprendizagem.

No mundo-vida dos sujeitos participantes, na realidade observada, o desporto futsal está inserido na hierarquia do sistema desportivo como uma “entidade de prática”, e nesta condição tanto a escola pública quanto a particular propõem a prática do desporto futsal de uma forma racionalizada e tecnicista, que utiliza os treinos para abreviar o tempo de aprendizagem, aperfeiçoamento e especialização dos alunos-atletas, para que estes representem a escola nas competições oficiais. A preocupação maior não reside em uma formação de longo prazo, mas, sim, para o resultado imediato, a vitória naquele campeonato. Não importa a consciência do aluno-atleta no sentido de uma atividade física ou da prática permanente do desporto, mas sim, o título. Importa a vitória e os prêmios, e o reconhecimento que deles advirá. Mas quais são as verdadeiras contribuições destes resultados, negativos ou positivos, para a vida dos alunos-atletas?

Neste contexto a escola se nivela a clubes, associações e empresas e, seguindo o modelo destes, se adapta à lógica da competição e do rendimento, funcionando como uma fonte alimentadora do principal “recurso” ali envolvido: o ser que pratica. Tal nivelamento em princípio não seria problemático, se o desporto praticado, independentemente de sê-lo

dentro ou fora da escola (em clubes, na rua, associações, empresas, etc. - e é assim que deve ser) fosse proposto com base na heterogeneidade de manifestações esportivas e na pluralidade de seus significados, aberto a uma pedagogia imbuída de humanismo.

Isto quer dizer que a proposta do desporto no clube, na associação, na empresa e na escola, usando uma metáfora proposta por Bento (1998, p. 129), deverá ter em conta que

[...] o edifício mais alto, o monumento mais proeminente e a estátua mais bela é o ser humano. É o homem como pessoa. É nesta construção que vale verdadeiramente investir e é ela que deve mobilizar os criadores e arquitectos de vanguarda.

Ou seja, a proposta do futsal na escola, no ensino fundamental, deve priorizar a criança como criança, e não fazer dela um objeto a ser moldado ou um animal a ser adestrado, ou treinado como um adulto em miniatura. Deve, sim, contribuir para a formação, privilegiando a expressividade corporal, para que esta possa se comunicar e ser participativa e criativa; possibilitar-lhe a exposição de seus pensamentos e opiniões e, ainda, a participação nas decisões coletivas; e estimular o respeito e a solidariedade com os companheiros, para que possa, por fim, aprender a gostar do futsal, bem como de outras modalidades possíveis. Neste sentido, o compromisso de qualquer proposta para o desporto na escola, mesmo que em treinamentos fora das aulas de Educação Física, deverá ser colocar “o desporto para o aluno-atleta” e não “o aluno-atleta para o desporto”.

Em suma, viver, na escola, a pluralidade e a multidimensionalidade do fenômeno desportivo significam, também, apostar em uma perspectiva pedagógica crítico-reflexiva, que, com base em metodologias possíveis, busque definir e esclarecer as características de rendimento maximizado (recorde) - competição, alienação, ideologização, racionalização, burocratização, hierarquização, secularização, homogeneização, quantificação, especialização, comparação, seleção, exclusão, lesões físicas, estresse psicológico, violência interpessoal e social presentes.

Minha leitura, à medida que se esforçou por colocar a realidade fundamental do mundo da prática do futsal na escola, desvelou simultaneamente o desporto a partir do sujeito participante, enquanto projeto, pelo fato de o caminhar metodológico do estudo perpassar pela leitura da realidade da prática do futsal. Isso me levou ao entendimento de que a prática consciente e crítica do desporto em treinos e jogos no mundo escolar é fundamental, pois pode auxiliar nas propostas de colocar a escola na luta contra a homogeneização social

provocada pela reprodução na escola da realidade social vigente. Para alcançar esta condição será necessário que o professor-técnico (digo o professor-técnico por entender sua posição como decisiva), imbuído de uma perspectiva pedagógica reflexiva e crítica, assuma sua condição de verdadeiro líder, no processo de estimulação, aprendizagem, prática e especialização dos alunos-atletas, na comunicação com os pais dos alunos-atletas e na relação com a direção da escola.

SPORT IN THE FUNDAMENTAL SCHOOL: A PHENOMENOLOGICAL-HERMENEUTIC APPROACH OF FUTSAL TRAINING AND MATCHES

ABSTRACT

In this study I recognize the importance of sport to the contemporary social life. I intend to understand the *futsal* world inside the school based on the phenomenological-hermeneutic approach, accepting the challenge to interact upon the subjects world-life, and also establishing a description/interpretation of training and matches continuum. During the training, both the teacher-technician and the student-athletes live almost exclusively together. The methodology centralizes the teacher-technician decisions that fragments the match in a "controlled atmosphere". Concerning such matches, the intensity depends on the parents. The teacher-technician, the great responsible for the participation in the competitive sport, "will decide the question" in what concerns the competitive pressure. These characteristics are especially observed in the infantile categories.

Key words: school. Sport. Futsal. Training. Games.

REFERÊNCIAS

BENTO, Jorge Olímpio. Desporto e humanismo: o campo do possível. In: GONZÁLEZ VALERO, M.; ARECES GAYO, A. **Deporte e humanismo en clave de futuro**: atas. A Coruña: INEF Galicia, 1998.

BICUDO, Maria, A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO; ESPÓSITO (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Unimep, 1997.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998 (Coleção polêmicas do nosso tempo; 60).

ESPÓSITO, Vitória H. Cunha. **A escola: um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Escuta, 1993.

ESPÓSITO, Vitória H. Cunha. Pesquisa qualitativa: modalidade fenomenológico-hermenêutica. Relatório de Pesquisa. In: BICUDO; ESPÓSITO (Org.). **Sociedade de estudos e pesquisa qualitativos**. A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico. 2. ed. Piracicaba: Unimep, 1997.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A educação contra a educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

KRIEGER, Marcilio C. R. **Lei Pelé e legislação brasileira anotadas**. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Helena V. **Pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes Ltda, 1989.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto C. Leite. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MORAIS, Regis de. Harmonização motora e qualidade de vida. In: MOREIRA; SIMÕES (Orgs.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

REZENDE, Antonio Muniz. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 1990. (Coleção polêmicas do nosso tempo; v. 38).

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

SANTIN, Silvino. Qualidade de vida e esportes nos caminhos da filosofia da corporeidade. In: MOREIRA; SIMÕES (Orgs.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

SOARES, C.; TAFFAREL, C.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STTIGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, Chancela Editorial Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), 2002. (Coleção educação física e esportes)

TEIXEIRA, Dourivaldo. **O desporto escolar na história de vida do sujeito-pesquisador e no mundo-vida de sujeitos participantes: uma abordagem qualitativa não**

convencional do fenômeno. 2003. p. 270. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

Recebido em 15/08/03

Revisado em 17/11/03

Aceito em 3/02/04

Endereço para correspondência: Rua Guido Inácio Bersche, 356, Jardim Universitário, Zona Sete, CEP. 87020-250, Maringá-PR. Email: dteixeira@uem.br